

Nakano anuncia liberdade econômica em 1988

SÃO PAULO — O Brasil vai viver a era da liberdade econômica em 1988. Essa é a intenção do Assessor Especial para Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda, Yoshiaki Nakano. Ele acha excessiva a intervenção do Estado na economia e tem pontos alguns mecanismos que podem devolver o País a a era do crescimento econômico, com investimentos do setor privado e a recuperação da parte da poupança do setor público.



Na mesa-redonda, a partir da esquerda, Camões, Jeha, Tabacof, Joel, Zelão, Nakano, Eberhardt e Milton

da ao mercado interno, realmente caiu. Eu concordo com o Dr. Nakano quando se refere à Constituinte e à dívida externa. Uma definição da Constituinte nos livrará desse sobre saldo diário em que vivemos e a questão da dívida externa precisa ser vista de modo a se obter um acordo definitivo, que nos permita olhar para o futuro.

Mas há dois outros aspectos que me preocupam. A inflação e o setor público. O setor público está arrebatado. As tarifas dos serviços públicos inviabilizaram outras estatais, como a Siderbras, a Eletrobras e a própria Petrobras. Quanto à inflação, há previsões que indicam até 18%, 19% para fevereiro do ano que vem. Não há País viável com inflação acima de 10%.

E há outra agravante, o Governo não tem mais credibilidade para dar novo choque. Então, uma saída para recompor o setor público seria uma reforma fiscal e eu tenho dúvidas que haja condições políticas para efetuarla neste momento. Então, Dr. Nakano, eu acho que 1988 poderá ser, não brilhante, mas melhor que 1987, porque, se conseguirmos solucionar a dívida externa, obtivermos uma Constituição equilibrada, mantivemos a inflação abaixo de 10% e definir o setor público.

Boris Tabacof — O setor de papel e celulose tem um plano ambicioso de investimentos, que não pode depender das oscilações diárias da conjuntura. Devido ao fato de os investimentos serem feitos a longo prazo, criaram-se grandes oportunidades no mercado interno e internacional, que foi conquistado por nós em face das potencialidades do País e da modernização da nossa indústria, que disputou em igualdades de condições tecnológicas. O nosso mercado interno tem crescido a taxas maiores que o Produto Interno e houve representação desse potencial por muito tempo, talvez uma década. Isso provocou atrasos. Apesar de não poder responsabilizar as administrações recentes por isso, acredito poder tirar algumas lições.

Dentre os vários fatores que mais contribuem para esse represamento, eu poderia citar um: preço. E isso só é em relação ao Plano Cruzado e Plano Bresser, não. É toda uma política mope de preços. É um filme que já vimos. Toda nova administração, que assume, vem imbuída das melhores intenções, de dar condições reais de mercado à indústria e não resiste à tentação de usar métodos



Há anos, o País pede nova política industrial ao Governo e não se consegue fazê-la

YOSHIAKI NAKANO

Assessor Especial para Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda

heterodoxos, que, aliás, não foram inventados recentemente. A heterodoxia, em termos de preços, é histórica no Brasil.

Então, eu queria aproveitar o momento, eu posso dizer o seguinte: por que não aproveitar o ano de 1988, depois de tantas experiências mal sucedidas, em que o Governo tentava controlar as principais variáveis da economia, por que não transformamos o ano de 1988 no ano da abertura da nossa economia? Vamos abrir, vamos dar um choque de abertura, porque acho que não adianta mais continuar tentando fazer mágica.

O GLOBO — Estamos caminhando, então, para o livre mercado?

Nakano — O Governo tem sempre de intervir e corrigir distorções. Fazer a política adequada. O Governo precisa intervir, principalmente, na área social. Não tem feito isso. Nossa intenção é colocarmos todo empenho nisso, é modernizar o setor público, extinguir uma série de órgãos, certamente.

O GLOBO — O controle de preços, nesse caso, também passaria a ter efeito secundário?

Nakano — Sim, o controle de preços permanente é uma coisa difícil, praticamente impossível; não funciona. O controle de preços é possível em alguns setores. Quando fizermos a liberação, que não será dia para dia, por que tem de obedecer a um planejamento, aí o controle se tornará desnecessário. Vamos jogar com a tarifa, basta existir a possibilidade de se fazer importações, para que o empresário, internamente, não eleve os preços abusivamente.

O GLOBO — No caso, isso seria coisa de médio prazo?

Nakano — Sim, porque primeiro precisamos racionalizar a política da área externa, tanto na área de importação, eliminando a necessidade de guias, como acabando com a burocracia para as exportações. Com a reforma tarifária, vamos remover todos os incentivos e subsídios, acabar com o IOF e criar um imposto único, que dê transparência à estrutura industrial.

Jeha — Gostaria de comentar uma afirmação do Dr. Nakano, a respeito do último ciclo de investimentos do País, que foi o segundo PND, durante o Governo Geisel. O segundo PND encerrou